

O Macabro no Cinema Brasileiro¹

Felipe VITAL²

Luciana Leme Sousa e SILVA³

Centro Universitário de Rio Preto, São José do Rio Preto, SP

RESUMO:

Com o intuito de explicar profundamente a respeito do cenário da cinematografia do gênero Horror no Brasil, este trabalho se vê diretamente ligado aos primórdios do cinema nacional. É irreal haver qualquer espécie de pesquisa a fundo do tema em terras canarinhas sem citar o ilustre José Mojica Marins, homem que deu vida à, sem dúvida, figura mais representativa desse nicho em nosso país: o Zé do Caixão. Mas será que nosso cinema macabro se limita apenas ao *Coffin Joe*? Onde se encontra esse gênero que move milhões de reais por ano, em produções Hollywoodianas e japonesas, no Brasil? Aqui, o ponto será destrinchar as origens do nosso cinema, dos tétricos curtas-metragens e das produções sinistras ainda existentes em âmbito nacional.

PALAVRAS-CHAVE: Zé do Caixão; horror; terror; curta-metragens; Cinema Brasileiro

Início boêmio

Teatros, jogos de bola, brigas de galo, jogo do bicho, enforcamentos públicos e bailes de máscara eram apenas alguns dos passatempos que preenchiam o divertimento dos cariocas em meados de 1890 (logo após o fim do Império, ocorrido 1889). Em meio a esse cenário, o público brasileiro via em seu dia a dia a necessidade de uma nova atração que lhe causasse entusiasmo. Foi nesta década que veio ao Brasil alguém que traria revoluções que nos afetam até os dias de hoje.

Afonso Segreto e seu irmão, Paschoal Segreto, saíram da Itália com rumo ao Brasil, onde chegaram e, pioneiramente, investiram na área do cinema que começava a dar seus primeiros passos. Consigo, Afonso trouxe imagens da Itália, vistas cinematográficas que exibiu no Salão de Paris, no Rio de Janeiro. É neste ponto que a população brasileira começa a ter o primeiro contato com o que, hoje, podemos denominar de “cinema”.

¹ . Trabalho apresentado no IJ4 – Comunicação Audiovisual do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 22 a 24 de Junho de 2017.

² Graduando do 3º período do Curso de Jornalismo da UNIRP, e-mail: felipe_vital@outlook.com.br.

³ Orientadora do trabalho, professora da UNIRP, e-mail: luciana@unirp.edu.br.

No entanto, pouco antes, o mundo já começou a ver sinais claros de que uma nova arte estava por surgir. Quem não se lembra da exibição realizada numa pequenina sala no sudeste da França? Isto mesmo, a primeira exibição pública feita pelos inventores do cinematógrafo, em 1895: os irmãos Lumière.

Logo após sua primeira exibição, Segreto viajou à França, onde pesquisou e conseguiu um protótipo extremamente similar ao usado pelos irmãos inventores. Então, Afonso voltou ao Brasil e, pela primeira vez em território nacional, exibiu em 1898⁴ uma produção própria (projeções de fortalezas e navios da Baía de Guanabara).

Fora do normal

Transportando os leitores deste projeto à França e sem haver sequer passado cinco anos, tendo o enfoque cinematográfico no início de 1900, apareceu nesta fase um mágico e ilusionista que traria exclusividade ao seu trabalho. George Méliès⁵, francês, foi o primeiro grande diretor a trazer o surreal às gravações.

Até o presente momento, tudo que havia sido registrado eram filmagens do cotidiano, das cidades e campos. Porém, George deu início ao planejamento de gravações surrealistas, do irreal, ambos engajados aos seus profundos conhecimentos de ilusionismo e mágica, que resultavam em inventivos efeitos fotográficos e novos mundos jamais imaginados. Também vale a pena ressaltar que, de tão notório que o trabalho de Méliès se tornou, o francês foi apelidado de “O Alquimista da Luz” por Charles Chaplin⁶, ilustre ícone do cinema mundial.

George Méliès se tornou o que podemos chamar de explorador de gêneros fantasiosos, adentrando no irreal, estranho e ilógico no cinema, temas que até então só eram abordados na literatura da época. Como consequência dessa arte, começou a surgir em meados de 1910, criações que também aproveitavam dessa tão empolgante fuga da realidade.

Como fortes exemplos, tivemos as produções americanas de curtas, como a primeira das muitas versões de Frankenstein⁷ de Mary Shelley em 1910, e A Bela e a

⁴ Informação afirmada pelo historiador e crítico de cinema Paulo Emílio Sales Gomes (Brasil, 1916-1977), em seu livro “Cinema: Trajetória no subdesenvolvimento”.

⁵ Considerado como um dos precursores do cinema, George Méliès (França, 1881-1938) foi um ilusionista e mágico de sucesso. Produzia filmagens utilizando efeitos inovadores para a época, todas combinações de sua experiência como apresentador de mágica. Entre suas obras mais famosas, está “*Le voyage dans la Lune*”, filme exibido em 1902.

⁶ Charles Spencer Chaplin (Reino Unido, 1889-1977) foi um ator, diretor, humorista, dentre diversas outras qualidades que o adjetivam profissionalmente. Considerado como o responsável pela ciência do cinema mudo à massa, foi eternizado como o personagem que leva o nome Charlie Chaplin.

⁷ Título original: *Frankenstein* (1910, Estados Unidos).

Fera⁸ pouco após, em 1913. Quase que simultaneamente às produções americanas, tivemos lançamentos de filmes como, por exemplo, o alemão *O Fantasma da Ópera*⁹ em 1916. Os três, bem como o gênero iniciado por George Méliès, usavam e abusavam da escapada da mesmice cinematográfica até então conhecida (que conforme dito anteriormente, eram as paisagens e imagens corriqueiras).

Como decorrência do início desse gênero a ser explorado no “cinema”, é extremamente coerente dizer que a Fantasia foi um dos precursores para que o Terror pudesse se encaixar efetivamente como tema a ser usado em filmes. O que é fantástico, surreal e esquisito, beira ao absurdo, e é neste ponto em que uma enorme brecha é aberta para o Horror se instalar e iniciar sua própria linha de produções.

Nesta atmosfera de começo, o francês Louis Feuillade¹⁰ gravou uma série de dez episódios que serviu como um dos primeiros marcos do que viria a ser puramente conhecido como produção cinematográfica de Terror. “Os Vampiros”¹¹, tratado como uma cinenovela, repercutiu com estrondoso sucesso na Europa bem em tempos de 1ª Guerra Mundial ao apresentar cenas de puro mal e beiradas do irreal, das quais serviam de alívio e sentimento de escape da realidade aos europeus, que viviam momentos de tensão.

No livro *Cinema [d]e Horror*¹², as autoras Carolina Barbosa Lima e Santos e Rosana Cristina Zanelatto nos deram um pouco mais de detalhes a respeito desse início europeu do Terror, lar de tenebrosos contos conhecidos a nível mundial (ex: *O Drácula*):

Na Alemanha, os chamados schauerfilme (“filmes horripilantes”, que causam arrepio, calafrio) foram rodados entre a humilhação do país diante da derrota da Primeira Guerra e a ascensão do poder nazista nos anos trinta. A natureza estética desses filmes (...) nos quais a atmosfera e o viés psicológico eram mais poderosamente significantes (...), atingiu níveis de excelência narrativa, na perseguição de uma linguagem consoante com o caráter fantasmático das narrativas de terror. (CAROLINA, 2011, p.23-24).

E foi aí, neste contexto geral, que a temática criou personagens e situação que, consequência direta dos livros ou não, começaram a ser figurinhas carimbadas em peças (seja de qualquer produção) que se denominam como Terror: o médico louco, o vampiro, o lobisomem, a criatura monstruosa, o espectro, entre outros.

⁸ Título original: *Beauty and the Beast* (1913, Estados Unidos).

⁹ Título original: *Das Phantom der Oper* (1916, Alemanha).

¹⁰ Argumentista e um dos realizadores do cinema francês na época. Nasceu em 19 de Fevereiro de 1873 e acabou por falecer em 25 de Fevereiro de 1925.

¹¹ Título original: *Les Vampires* (1915, França).

¹² Livro publicado pela editora Life no ano de 2011, contando com 159 páginas em sua totalidade.

Seu Zé

Voltando ao território nacional, ainda era completamente inexistente qualquer forma de criação cinematográfica que utilizasse medidas que induzissem a sensação de horror e desconforto a quem estivesse assistindo. De 1941, data de fundação da Atlântida Cinematográfica, a 1965, o brasileiro se mostrava aberto ao que chamamos de Chanchada, gênero de filmes que trazia a comédia e o cunho carnavalesco, a fim de “mostrar a cara do Brasil” para fora. Nela, era trazido cantoras de rádio como Emilinha Borba e Adelaide Chiozzo, bem como nomes extremamente conhecidos até os dias de hoje, como Ronald Golias e Jô Soares. Era um cinema com peripécias e paródias americanas que entretinham o cinema brasileiro, e foi justamente no final desta época que algo jamais digerido pelo público brasileiro começou a se criar em terras canarinhas: o Terror.

José Mojica Marins¹³, paulistano e aventureiro pelo mundo do cinema, atormentado por um pesadelo em que era arrastado até seu próprio túmulo por um vulto, concretizou nas *telonas* o personagem referência quando o assunto é Terror nacional: **O Zé do Caixão**.

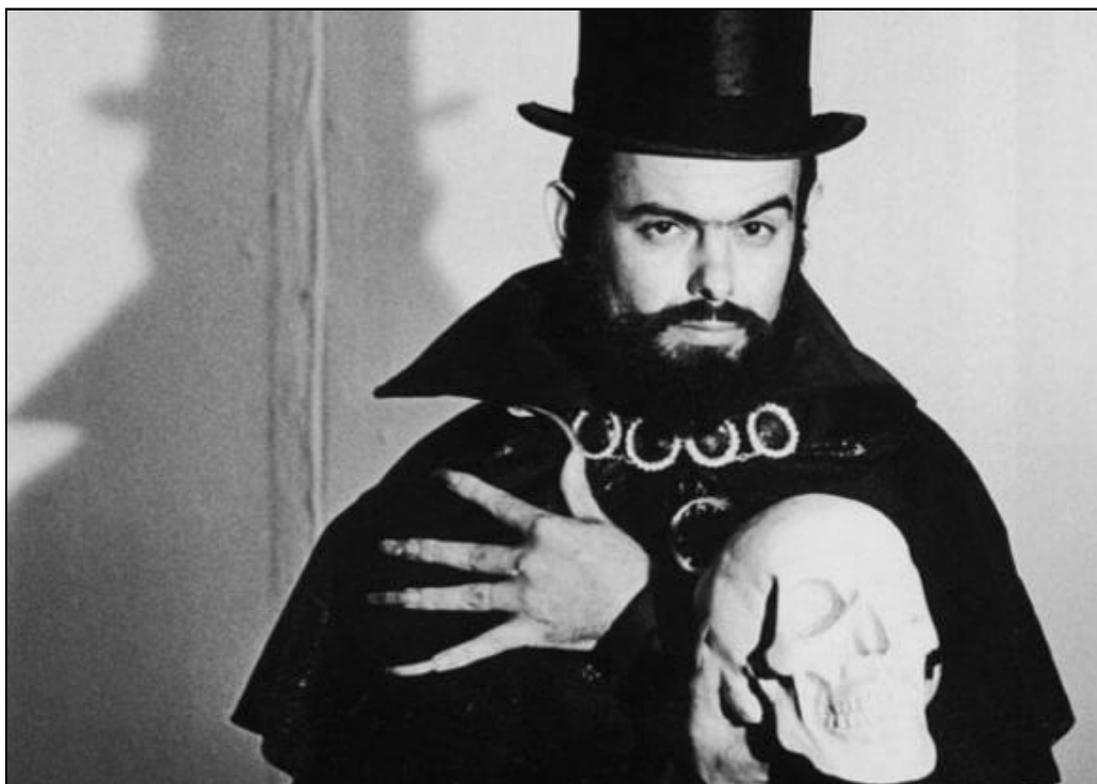
Em entrevista publicada no Portal Brasileiro de Cinema, o homem conta, em detalhes, sobre o momento de inspiração que originou o personagem:

Certa noite, ao chegar em casa bem cansado, fui jantar. Em seguida, estava meio sonolento, entre dormindo e acordado, e foi aí que tudo aconteceu: vi num sonho um vulto me arrastando para um cemitério. Logo ele me deixou em frente a uma lápide, lá havia duas datas, a do meu nascimento e a da minha morte. As pessoas em casa ficaram bastante assustadas, chamaram até um pai-de-santo por achar que eu estava com o diabo no corpo. Acordei aos berros, e naquele momento decidi que faria um filme diferente de tudo que já havia realizado. Estava nascendo naquele momento o personagem que se tornaria uma lenda: Zé do Caixão. O personagem começava a tomar forma na minha mente e na minha vida. O cemitério me deu o nome; completavam a indumentária do Zé a capa preta da macumba e a cartola, que era o símbolo de uma marca de cigarros clássicos. Ele seria um agente funerário. (MARINS, 2006).

O primeiro filme do “Seu Zé” (apelido pelo qual o personagem era chamado pelos coadjuvantes) estreou em 1964, trazendo o nome de *À Meia-Noite Levarei Sua Alma*. Repleto de regionalismo e personalidades jamais vistas antes, como a figura do

¹³ José Mojica Marins (Brasil, São Paulo, 1936) é um cineasta, diretor e ator. Já se aventurou por outros gêneros em sua carreira (como o faroeste e drama), mas foi no terror, com seu personagem “Zé do Caixão”, que foi reconhecido a nível mundial.

coveiro, a película retrata um homem que zomba de cultos religiosos (conforme fica evidente na passagem que apresenta a Procissão e a Sexta-feira Santa), é abusivo e intimidador, além de cruel assassino (sem contar o abuso sexual que cometeu). Para os espectadores brasileiros, que estavam habituados à Chanchada e aos épicos da Velha Cruz, bem como os regionalismos de Humberto Mauro e Silvino Santos, a criação de José Mojica trazia espanto e puro pavor aos que consumiam sua arte.



(O personagem Zé do Caixão)

Apesar de impactante para sua época (por mexer com mortos-vivos, assombrações e crendices, além do fato da estreia ter ocorrido no mesmo ano em que se implantou o Regime Militar em nosso país), engana-se quem acredita que as produções de Mojica abusavam de dinheiro e elenco. Seu cinema era autoral, ou seja, José Marins dirigia, atuava, selecionava roteiro e os coadjuvantes. Fato interessante é que, de acordo com uma entrevista presente na Edição Especial Comemorativa da Coleção Zé do Caixão, o ator revela que, para conseguir pessoas para seus filmes, frequentemente namorava mulheres e convidava seus familiares para cumprir esses papéis. Quando o namoro terminava, José Mojica perdia, por consequência, grande parte do seu elenco (e esse ciclo ia se repetindo).

Não satisfeito, em 13 de Março de 1967 estreou nas telas (já havendo a utilização de cores) a continuação de À Meia-Noite Levaria Sua Alma, com o título Esta

Noite Encarnarei no Teu Cadáver. Esse, sim, veio para concretizar de modo definitivo o nome de Zé do Caixão no cenário cinematográfico de Terror mundial. Tal importância que, logo após, essa continuação concorreu a um prêmio nos Estados Unidos, país em que o personagem ficou fortemente gravado (e é lembrado até hoje, conforme comprova-se pela versão Blu-ray existente de seus filmes no país americano) pelo nome Coffin Joe. Conforme comprovado em entrevista cedida em 2008 ao crítico de cinema e jornalista Felipe Brida, neste mesmo evento, José Mojica Marins se encontrou com George Romero¹⁴, que alegou estar se inspirando em seus dois filmes para sua própria produção. E foi no ano seguinte, em 1968, que o diretor americano estreou o tão renomado A Noite dos Mortos Vivos, filme que, até hoje, é enraizado como *masterpiece* do terror mundial. Em suma, o filme de zumbis que é tido como fenômeno e referência no assunto, veio quatro anos após o nosso, usando duas produções brasileiras como inspiração para a criação.

Em “Esta Noite”, fato curioso é que podemos afirmar, sem medo, claras influências das produções de George Méliès nesse segundo filme de terror de Mojica. Cenas extremamente semelhantes ao cinema do francês são apresentadas no momento em que o personagem, Zé do Caixão, cai no inferno. Mãos encrostadas na paredes, erupções na terra que jorram ar quente, esses e mais alguns são artifícios utilizados em O Caldeirão Infernal¹⁵, O Reino das Fadas de Méliès¹⁶ e vistos na produção de José Marins, o que reforça a ideia de que a consolidação do gênero Terror está ali, enraizado nos primórdios da exploração da Fantasia cinematográfica.

Em entrevista exclusiva, concedida apenas ao escritor deste artigo, o escritor, quadrinista e roteirista de filmes Rubens Francisco Lucchetti¹⁷ citou, através de sua experiente visão do mercado brasileiro voltado ao terror, da importância que Marins representa para o cenário de pavor nacional.

Com o Zé do Caixão, o Sr. José Mojica Marins praticamente inaugurou o cinema de Terror no Brasil. Criou um Terror autenticamente nacional e um personagem genuinamente brasileiro (...). Os nomes deles não podem ser omitidos em nenhuma história do cinema nacional. (LUCCHETTI, 2017).

¹⁴ George Andrew Romero (Estados Unidos, 1940) é um consagrado cineasta, possuindo foco em filmes que levam os zumbis como personagens principais. Em seu currículo, coleciona alguns dos filmes de terror mais aclamados, como A Noite dos Mortos Vivos, Despertar dos Mortos e Dia dos Mortos.

¹⁵ Título original: *Le chaudron infernal* (1903, Estados Unidos).

¹⁶ Título original: *Le royaume des fées* (1903, Estados Unidos).

¹⁷ Rubens Francisco Lucchetti (Brasil, 1930) é chamado de “Papa do pulp fiction no Brasil”. Em sua carreira, ao todo, coleciona mais de quinze histórias em quadrinhos, mais de setenta livros e vinte e dois filmes, dos quais doze foram feitos em colaboração com o próprio José Mojica Marins, sendo Rubens um dos únicos a fielmente trabalhar ao seu lado, como roteirista de filmes do Zé do Caixão.

Com a passagem para os anos 70, o gênero da Pornochanchada começou a se destacar em nosso cenário cinematográfico. Filmes de viés libertário de costumes e com determinado grau de erotismo (além da clara comédia) iniciaram a mostrar sua força por serem releituras, principalmente, das comédias populares italianas, que, somadas à tradição popular da comédia carioca, levou o gênero à ascensão. Nem o próprio José Mojica Marins, que até então já havia seu nome cravado como diretor de Terror, resistiu. Assim, na década de 70, ele (ao lado de Rubens Francisco em algumas produções), adentrou na Pornochanchada, misturando-a com sua velha fórmula de Terror (conforme podemos comprovar em *A Estranha Hospedaria dos Prazeres*).

Fechando a trilogia principal do Zé do Caixão, Marins produziu e liberou, em 2008, a continuação de *Esta Noite Encarnarei no Teu Cadáver*, intitulada *Encarnação do Demônio*. Entre outros filmes produzidos esporadicamente que continham o nome do personagem, esses três ficaram gravados na memória do público brasileiro.

O Pós-Mojica

Nos anos 70, com os dois primeiros filmes da série principal do Zé do Caixão já tendo sido produzidos e divulgados, deu-se início a uma leva de novos diretores que buscavam se aventurar pelo mexer do psicológico, pelas sensações assustadoras e angústia. Nesta época, com a Pornochanchada e o cinema brasileiro em seu tremendo auge, duas personalidades (em especial) surgiram com ideias que remetiam à atmosfera do trabalho de Mojica.

Esse trabalho não poderia deixar de citar dois nomes que, Pós-Mojica, não permitiram que o horror no Brasil caísse em completo esquecimento. Ivan Cardoso¹⁸ e Walter Hugo Khouri¹⁹ abusavam do surrealismo em suas produções, sempre misturando o Terror a outros elementos (em geral, o drama) para que um novo filme de impacto pudesse ser finalizado. Ivan Cardoso, especificamente, atreveu-se a se tornar o “mestre do Terrir²⁰” a fim de divulgar o Terror como gênero que fosse produzido e absorvido no Brasil.

¹⁸ Ivan Cardoso (Brasil, 1952) é considerado o “Mestre do Terrir”, tendo já produzido mais de quinze filmes e atuado em três. Produziu um curta-metragem ao lado de Marins chamado “O Universo de Mojica Marins”.

¹⁹ Walter Hugo Khouri (Brasil, 1929-2003) foi um dos grandes nomes das décadas de 70 e 80 no cinema brasileiro. Sempre explorando personagens que buscavam sentido na angustiante existência, Khouri coleciona títulos nacionais e internacionais.

²⁰ Gênero que mescla o “Terror” com o “Rir”.

Sendo necessária para entendermos um pouco mais do que o nosso país viveu em relação ao gênero após os “anos dourados” de Mojica, a rápida menção de Cardoso se apresenta como consequência direta ao verificarmos a enorme gama de produções de terror relacionadas ao seu nome, como fez em *O Segredo da Múmia* (1982) e *As Sete Vampiras* (1986). Já Walter Khouri, não ficando para trás, sinalizou o Terror na obra *O Anjo da Noite* (1974).

Vista atual

Embasando o cenário de hoje do cinema nacional, podemos afirmar que estamos mediante a era da Pós-Retomada. Tendo início em 1995 (época que podemos denominar de Retomada), uma nova onda de cineastas surgiu após o fechamento da Embrafilme e a volta efetiva comercial do Ministério da Cultura, que havia sido fechado pelo até então presidente Collor, resultando em incentivos fiscais nulos no que se tratava de produções nacionais de cinema.

Atualmente, nosso alicerce cinematográfico (os filmes que rendem bilheterias milionárias e são internacionalizados) está cravado na comédia padrão TV. Que se trata, precisamente, de sketches alongados de produções já conhecidas pela massa populacional, em que poderosas produtoras (como a Globo Filmes) levam rostos de renome para que atuem como uma “continuação” de programas cômicos exibidos há anos, e que, claro, vendem. A consequência de levar prestigiados atores em âmbito nacional ao cinema gera no telespectador, instantaneamente, o pensamento de “Nossa! Já vi essa pessoa na TV e gostei! Se o programa é bom, o filme também deve ser”, se tornando uma das estratégias mais lucrativas que os grandes diretores encontraram. Afinal, quem não cansou de ver Leandro Hassum e Lázaro Ramos nas *telonas*?

Neste contexto, sendo notoriamente pós-Mojica e reinado pela comédia e drama, indagamos com frequência “onde se encontra a produção nacional de Horror”? A resposta se encontra ao explorarmos aquilo que, reforçando suas conexões previamente defendidas, iniciou na Fantasia em torno de 1910: **os curta-metragens**.

Podemos fortemente dizer que, hoje, o Terror no cinema brasileiro se encontra depositado nas mãos (em maioria) de quatro diretores que possuem suma importância para o propósito e qualidade desse trabalho. São eles: Dennison Ramalho²¹, Petrus

²¹ Dennison Ramalho (Brasil) é um dos únicos diretores que podemos, exclusivamente, dizer que é devoto ao Terror. Profundo especialista em curtas, trabalhou ao lado de José Mojica Marins no último filme do Zé do Caixão.

Cariry²², Marco Dutra²³ e Lucas Sá²⁴. Sendo o escritor de Encarnação do Demônio, último filme da trilogia principal do Zé do Caixão, Dennison realiza projetos criticamente renomados como autor de curtas, já contabilizando em seu repertório mais de dez produções com enfoque exclusivamente macabro. Sendo um dos únicos cineastas brasileiros que se dedica quase que inteiramente ao Terror, vale ressaltar sua contribuição com os curtas Amor Só de Mãe (2003) e Ninjas (2011), este último sendo ovacionado pela crítica por seu potencial assustador. Também é possível afirmar que lentos passos estão sendo dados para que suas filmagens cheguem ao público massivo brasileiro, afinal, ano passado tivemos uma série de TV produzida por ele em parceria com a Central Globo de Produções, em que atores de peso foram escalados para dar vida aos personagens (como exemplo, Mariana Ximenes e Cleo Pires). Supermax é uma produção de Ação, Mistério e Terror que contabilizou doze episódios em seu total, sendo transmitido durante a madrugada na Rede Globo e atizando a curiosidade dos jovens, principalmente, por trazer características semelhantes em quesitos técnicos à uma produção estrangeira (dados os limitados recursos).

É louvável, também, citar os projetos que envolvem o nome de Lucas Sá. Sendo um diretor focado em curta-metragens, Lucas surpreende a crítica de maneira positiva por sua pouca idade e altas premiações que já coleciona, sempre envolvendo o Terror como gênero principal. Com apenas vinte e quatro anos, Lucas é a cabeça por trás da obra O Membro Decaído (2012) e Nua por Dentro do Couro (2015).

Explanando sobre Marco Dutra, é de alta importância ressaltar seus dois principais filmes quando o assunto é transmitir incômodo. Em Trabalhar Cansa, o paulistano explora de maneira brilhante o conflito entre marido e mulher, sem contar as relações no mundo do trabalhador (o que nos leva ao título da produção), além de, claro, o âmbito macabro. Já em Quando Eu Era Vivo, há o desenvolvimento de uma relação conturbada entre pai e filho, além de pontos de credices em tom sobrenatural. Não podendo deixar de ser citada e sempre presente nas obras de Dutra, há a forte utilização do Terror sugerido, psicológico, em que apenas no momento final do filme, fica realmente claro o fato de podermos encaixar seus trabalhos neste gênero.

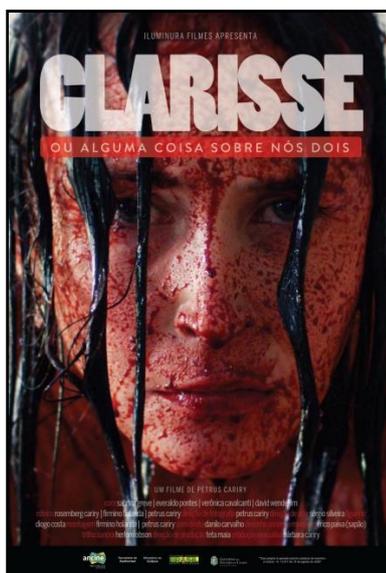
²² Petrus Cariry (Brasil, Ceará, 1977) é o renomado criador por trás de Clarisse ou Alguma Coisa Sobre Nós Dois, filme que junta Drama, Fantasia e Terror, lançado em 2015.

²³ Marco Dutra (Brasil, São Paulo, 1980) pode ser chamado de um dos maiores investidores do gênero Terror em território nacional. É a grande mente por trás do, tão aclamado pela crítica, Trabalhar Cansa. Filme que dispensa comentários e possui centro no Horror.

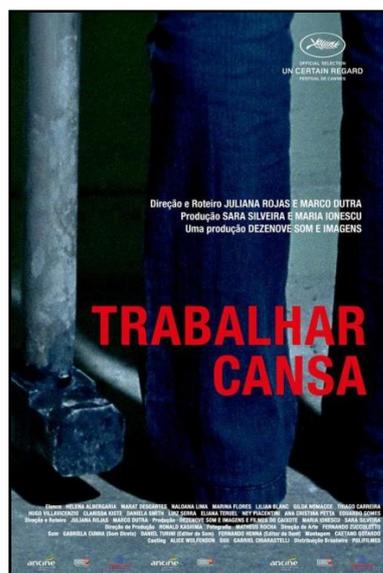
²⁴ Lucas Sá (Brasil, Maranhão, 1992) possui foco praticamente exclusivo nas produções de Terror em curtas, sendo considerado uma jovem promessa do cinema nacional.

Indo ao último dos quatro nomes, Petrus Cariry firma seu nome como representante do cinema de Terror nordestino em *Clarisse Ou Alguma Coisa Sobre Nós Dois* (2015). Alvo de enaltecimento pela crítica, o Thriller de Terror chegou a ser exibido em dez países e foi premiado como melhor filme no Festival Rojo Sangre, na Argentina.

Trabalhar Cansa, *Clarisse ou Alguma Coisa Sobre Nós Dois*, *Quando Eu Era Vivo*, esses e mais alguns são filmes recentes que constituem a nossa gama de Terror no Brasil, e não me prendendo apenas ao nome dos quatro, é louvável mencionar a produção de *Através das Sombras*, filme que ainda soma em sua película a utilização de roupas de época e o Mistério, além de *O Rastro*. Sendo o primeiro dirigido por Walter Lima Jr. e inspirado no *bestseller* *A Outra Volta do Parafuso*, lançado em 10 de Dezembro de 2016, e o segundo por J. C. Feyer, com lançamento em Maio de 2017.



(Filme de Petrus Cariry)



(Filme de Marco Dutra)

Finalizando ao redirecionar a palavra a Rubens Francisco Lucchetti em citação exclusiva, é ressaltada em voz conhecedora a importância do cenário atual das pequenas produções independentes para a sobrevivência do Terror no Brasil.

Infelizmente, o gênero não é valorizado no atual cinema brasileiro. Continuam privilegiando as comédias inconsequentes e os filmes engajados. Agora, tenho ficado surpreendido com as produções independentes do gênero. São de uma qualidade surpreendente, mas não chegam ao grande público. (LUCCHETTI, 2017).

Considerações finais

Neste país que produz-se pouco e exhibi-se menos ainda, é necessário afirmar que o Terror não está notoriamente ligado às nossas origens culturais, e é consequência desse primórdio cinematográfico brasileiro o fato de não possuímos notórias lendas e contos urbanos (como os Estados Unidos, Japão e Europa têm). Contudo, o gênero vem crescendo em território nacional e o futuro é, sim, promissor.

Conforme vimos ao longo desse artigo, o Brasil não carece de nomes especializados e dispostos a investir no Terror, e, por mais que ainda não suficiente, vivemos tempos que demonstram indícios de um ligeiro caminhar rumo às produções macabras nacionais de sucesso comercial. Apenas no primeiro semestre de 2017, tivemos três filmes do gênero em circuito nos cinemas brasileiros, número importante e merecedor de destaque se comparado aos anos anteriores.

O público jovem é o grande alvo do Terror mundial, e ao mesmo tempo em que podem ser os responsáveis pelo aumento do consumo desse tipo no Brasil, são os que mais torcem o nariz ao se tratar de cinema nacional. Há gosto, mas completamente direcionado ao Terror americano, portanto, a aproximação do nosso cinema tétrico ao dos Estados Unidos (conforme já foi realizado em *O Rastro*, com sua produção e jogos de imagens que, se não fosse pelos nomes nos créditos, enganariam até mesmo ao mais renomado crítico, fazendo-o afirmar de que se tratava de uma produção estadunidense) pode gerar importantes resultados.

Referências Bibliográficas

RUIVO, Emir. **Os 10 Maiores Cineastas: George Méliès, o criador dos efeitos especiais**. 2014. Disponível em: <<http://www.diariodocentrodomundo.com.br/os-10-maiores-cineastas-george-melies-o-criador-dos-efeitos-especiais/>>. Acesso em: 10/04/2017.

IMDB. Disponível em: <<http://www.imdb.com/name/nm0617588/>>. Acesso em: 11/04/2017.

IMDB. Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0278343/?ref_=fn_tt_tt_22>. Acesso em: 11/04/2017.

IMDB. Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0001223/?ref_=fn_tt_tt_15>. Acesso em: 11/04/2017.

IMDB. Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0418056/?ref_=fn_al_tt_6>. Acesso em: 11/04/2017.

IMDB. Disponível em: <<http://www.imdb.com/title/tt0006206/>>. Acesso em: 11/04/2017.

IMDB. Disponível em: <<http://www.imdb.com/name/nm0596261/>>. Acesso em: 13/04/2017.

BRIDA, Felipe. **Do inferno para o mundo real**. 2008. Disponível em: <<https://cinema-naweb.blogspot.com.br/2008/08/entrevista-especial.html>>. Acesso em: 13/04/2017.

IMDB. Disponível em: <http://www.imdb.com/name/nm0001681/?ref_=nv_sr_1>. Acesso em: 14/04/2017.

IMDB. Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0063350/?ref_=nm_knf_t1>. Acesso em: 14/04/2017.

Facebook. 2017. Disponível em: <<https://www.facebook.com/people/Rubens-Francisco-Lucchetti/100004795548524>>. Acesso em: 14/04/2017.

IMDB. Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0135180/?ref_=fn_al_tt_1>. Acesso em: 15/04/2017.

IMDB. Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0084650/?ref_=nm_knf_t1>. Acesso em: 17/04/2017.

IMDB. Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0088092/?ref_=nm_knf_t2>. Acesso em: 17/04/2017.

IMDB. Disponível em: <http://www.imdb.com/name/nm0451891/?ref_=nv_sr_1>. Acesso em: 18/04/2017.

IMDB. Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0189359/?ref_=nm_knf_t2>. Acesso em: 18/04/2017.

IMDB. Disponível em: <http://www.imdb.com/name/nm0707963/?ref_=nv_sr_1>. Acesso em: 18/04/2017.

IMDB. Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0366170/?ref_=nm_knf_t4>. Acesso em: 18/04/2017. 11

IMDB. Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0923683/?ref_=nm_knf_t2>. Acesso em: 18/04/2017.

IMDB. Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt1742091/?ref_=nm_knf_t3>. Acesso em: 18/04/2017.

IMDB. Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt1742091/?ref_=nm_knf_t3>. Acesso em: 18/04/2017.

IMDB. Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt1515089/?ref_=nm_fimg_wr_2>. Acesso em: 19/04/2017.

IMDB. Disponível em: <http://www.imdb.com/name/nm5280635/?ref_=fn_al_nm_1>. Acesso em: 19/04/2017.

IMDB. Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt2404158/?ref_=nm_knf_t3>. Acesso em: 19/04/2017.

IMDB. Disponível em: <http://www.imdb.com/name/nm1824290/?ref_=nv_sr_1>. Acesso em: 20/04/2017.

IMDB. Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt1686328/?ref_=nm_knf_t1>. Acesso em: 20/04/2017.

IMDB. Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt2463692/?ref_=nm_knf_t2>. Acesso em: 20/04/2017.

IMDB. Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt4690052/?ref_=nv_sr_1>. Acesso em: 20/04/2017.

IMDB. Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt4117326/?ref_=nv_sr_1>. Acesso em: 22/04/2017.

ALMEIDA, César. **Cemitério Perdido dos Filmes B**, Paraná: Estronho, 2014.

ARAÚJO, Vicente de Paula. **A Bela Época do Cinema Brasileiro**, São Paulo: Perspectiva, 1976.

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é Cinema**, São Paulo: Brasiliense, 2004.

GOMES, Paulo Emílio Sales. **Cinema: Trajetória no subdesenvolvimento**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

SANTOS, Carolina Barbosa e; SANTOS, Rosana Cristina Zanelatto. **Cinema [d]e Horror**, Mato Grosso do Sul: Life, 2011.

SCHVARZMAN, Sheila, **Humberto Mauro e as imagens do Brasil**, São Paulo: UNESP, 2004.

YOUNG, Skip Dine. **A Psicologia Vai ao Cinema**, São Paulo: Cultrix, 2014.